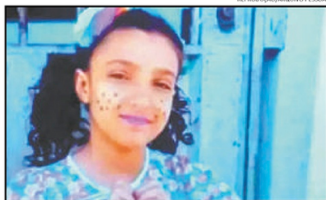


Mais de 100 medidas protetivas são solicitadas por dia em Minas

Dados são de janeiro a abril de 2022, período que contabilizou 14.414 pedidos. Número de solicitações do instrumento legal que atende vítimas de agressores aumentou 47% entre 2016 e 2021



A pequena Bárbara Vitória, de 10 anos, foi assassinada em Ribeirão das Neves ao sair de casa a pedido dos pais para comprar pães



Aos 55 anos, Neuzo Braga morreu na sexta (5), em Itajubá, no Sul de Minas, após ter tido o corpo queimado com gasolina pelo ex-companheiro



A jovem Emily Luiza Ferretti, de 25 anos, foi morta a facadas pelo ex-namorado na quinta-feira (4), na Região do Barreiro, em BH

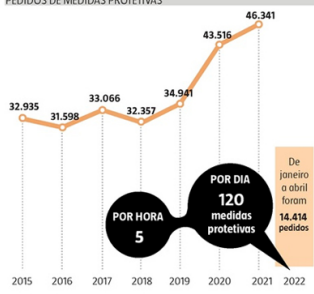
Minas já registra 120 medidas protetivas a mulheres por dia

BERNARDO ESTILAC

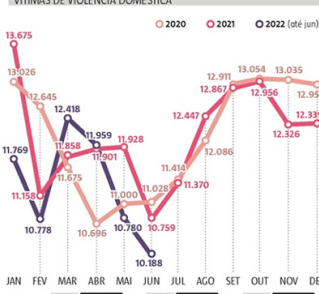
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Números em Minas

PEDIDOS DE MEDIDAS PROTETIVAS



VITIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



FEMINICÍDIOS

ANO	CONSUMADO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL GERAL
2020	CONSUMADO	6	14	10	15	10	13	16	15	9	15	13	16	152
	TENTADO	18	24	16	12	13	17	7	11	25	15	18	14	190
	TOTAL	24	38	26	27	23	30	23	26	34	30	31	30	342
2021	CONSUMADO	13	10	13	20	14	11	15	12	17	8	9	13	155
	TENTADO	13	16	20	12	18	8	14	18	12	17	10	23	181
	TOTAL	26	26	33	32	32	19	29	30	29	25	19	36	336
2022	CONSUMADO	7	11	20	9	17	7	-	-	-	-	-	-	71
	TENTADO	12	22	15	14	20	7	-	-	-	-	-	-	90
	TOTAL	19	33	35	23	37	14	-	-	-	-	-	-	161
TOTAL GERAL		69	97	94	82	92	63	52	56	63	55	50	66	839

FONTE: FPMG e SISP

Na última semana, três mulheres morreram em Minas Gerais por crimes que chocam pela brutalidade e ilustram como diferentes perfis deste público são vulneráveis e alvo constantes de violências das mais diversas formas. Bárbara Vitória, de 10 anos, Emily Ferretti, de 25, e Neuzo Braga, de 55, são mais três histórias interrompidas que entram na numerosa lista de feminicídios no Brasil.

Os constantes casos de agressão contra mulheres ganharam contornos ainda mais dramáticos quando analisados por meio dos balanços ano a ano. Dados enviados pela Polícia Civil ao Estado de Minas demonstram que foram cerca de 120 medidas protetivas a mulheres solicitadas por dia em Minas Gerais neste ano. De janeiro a abril de 2022, foram 14.414 pedidos. Isso quer dizer que a cada hora, cinco medidas protetivas foram solicitadas no estado para evitar que mulheres fossem vítimas de crimes envolvendo violência.

Bárbara Vitória, criança de 10 anos de idade, foi encontrada morta com sinais de violência social e enforcamento em Ribeirão das Neves na última terça-feira (2). Ela estava desaparecida desde o domingo (31), quando saiu para comprar pão perto de casa. Na quinta-feira (4), Emily Ferretti foi esfaqueada pelo ex-companheiro na Região do Barreiro, em Belo Horizonte, dias após ter pedido medida protetiva por ter sido ameaçada pelo homem. Já Neuzo Braga faleceu na sexta (5) em Itajubá, Sul de Minas, após passar um mês internada tentando se recuperar de queimaduras provocadas pelo ex-companheiro, que ateou fogo em seu corpo.

A medida protetiva é um instrumento legal utilizado para proteger mulheres em situação de risco. A depender de cada caso, a decisão pode impedir que o agressor se aproxime da vítima e pessoas próximas, exigir comparecimento a programas de recuperação ou restrição de acesso a armas e até o encaminhamento da mulher e filhos a abrigos.

Para Isabella Matosinhos, pesquisadora do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp) da UFMG, as medidas protetivas são ferramentas importantes na tentativa de prevenir agressões e feminicídios, mas elas apresentam imperfeições. Uma delas é a possível falta de celeridade na apreciação do pedido pelo poder judiciário, o que também mostra que, quanto antes a mulher perceber sinais de risco e solicitar a medida antes de uma situação de violência, mais ela pode ser eficiente.

"Eu percebo que a medida protetiva é importante, porque em muitos casos ela pode prevenir algum tipo de violência. Ela tem o objetivo de tentar evitar que haja proximidade do agressor com a vítima e possíveis contatos violentos. Mas acho que é interessante pensar que existe uma diferença grande entre solicitar a medida e ela ser decretada. Quando a gente pensa em medida protetiva, a gente tem que pensar que a concessão não é imediata, existe todo esse trâmite jurí-

“O primeiro desafio é o Judiciário decretar [a medida] em tempo hábil”

Isabella Matosinhos, pesquisadora do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp) da UFMG

MAIS AGILIDADE A pesquisadora ressalta a complexidade do problema da violência contra a mulher e destaca que a mitigação dos danos causados por esse cenário precisa ser trabalhada em várias frentes, ampliando a eficiência das medidas protetivas, por exemplo.

"Em termos de efetividade, acho que a (medida protetiva) é um passo muito importante, mas que tem que ser coordenado com outras ações. O primeiro desafio é o Judiciário decretar em tempo hábil. Mas uma vez que ela é decretada, ela precisa ser combinada com outras formas de assegurar que essa mulher fique livre de violência. Pelas minhas pesquisas, acho que uma iniciativa interessante é a Patrulha Maria da Penha. Nos casos em que a mulher já prestou queixa ou que a medida protetiva é decretada, um grupo

decedida pela justiça, não significa o impedimento de crimes. A pesquisadora do Crisp cita um caso em que o agressor conseguiu acesso à vítima mesmo com a imposição de restrições.

"Estava conversando com um juiz e ele me contou sobre um caso em BH em que a medida foi decretada e determinava colocar nozeleira eletrônica no agressor. Em dado momento, a torçoeleira estava descarregada, foram atrás, mas já era tarde", exemplifica.

Corpos vulneráveis. Neuzo Braga tinha uma medida protetiva contra o ex-companheiro, que já tinha um histórico de agressões e comportamento violento. Emily Ferretti solicitou medida protetiva de urgência no dia 30 de junho à Polícia Civil, quando foi à delegacia relatar ameaças de vazamento de imagens íntimas por parte do homem que a assaltou pouco mais de um mês depois.

Para a professora de sociologia do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) e também pesquisadora do Crisp, Luana Hordones, os casos são exemplos de como a violência atinge todas as mulheres e

designação do documento.

Em Minas, conforme a Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejus), desde 2020 foram registrados 358.999 casos de violência doméstica. Só até junho deste ano, foram 67.892 ocorrências. Hordones aponta para a gravidade dos números, que revelam que o ambiente familiar é sinônimo de risco.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostra que Minas Gerais foi o estado que mais registrou ameaças à mulheres no país em 2020 e 2021, com 85.148 e 84.209 registros, respectivamente.

"A casa deveria ser um lugar de proteção. As mulheres são educadas para o ambiente doméstico, essa é nossa socialização. Agente tem uma socialização que volta a valorizar o ambiente doméstico e dentro de casa onde nós cometemos mais perigo. A questão da segurança pública é muito discutida pela falta de segurança nas ruas, no trânsito, mas as mulheres não podem se sentir seguras dentro de casa", comenta.

MEDIDAS PARA INTERROMPER ESCALADA

O próprio entendimento do que é uma situação violenta não é algo tão notório de imediato para todas as mulheres. A pesquisadora Isabella Matosinhos explica algumas particularidades nesse contexto. "Essa situação envolve um problema educacional, porque a gente tem que disseminar o que é a violência contra a mulher. Existe um estado que quer medir a violência contra a mulher e ele pergunta para algumas mulheres e alguns homens se já houve violência no relacionamento e muitas pessoas respondem que não. Depois, em perguntas mais objetivas, se já houve grito, empurrões, se o homem não respeitou quando houve recusa a fazer sexo, se já houve ameaça, chantagem e situações do tipo, muitas pessoas falam sim, confirmam esse tipo de comportamento", diz Isabella. "As vezes, até mesmo o que é violência ainda está em debate. Pode ser que a mulher só chegue à delegacia quando a situação já está muito avançada", completa.

A pesquisadora explica que as chances de se poupar a vida de uma mulher estão relacionadas a qual cedo é identificada uma relação abusiva e como são percebidas as várias formas possíveis de violência.

A visão é corroborada pela colega Luana Hordones. "Todos conhecemos alguma mulher que já esteve em relação abusiva. A gente precisa dar nome às coisas, perceber que há violência na relação em vários contextos", aponta.

Os números da violência sexual ilustram a fala da professora. De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2021, 88,2% das vítimas de estupro e estupro de vulnerabilidade no país foram mulheres. O recorte de perfil étnico racial aponta que 52,2% eram negras, 46,9% brancas e menos de 1% amarelas ou indígenas, segundo

que o problema deve ser encarado de forma ampla.

"O fato de essas histórias se repetirem e com perfis diferentes quer dizer uma coisa: é muito vulnerável viver em corpo de mulher. Só isso já aumenta muito as chances de violência, e ela não tem um critério, ela está em todas as classes, todas sofrem, em todas as idades e em vários contextos", aponta.

Os números da violência sexual ilustram a fala da professora. De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2021, 88,2% das vítimas de estupro e estupro de vulnerabilidade no país foram mulheres. O recorte de perfil étnico racial aponta que 52,2% eram negras, 46,9% brancas e menos de 1% amarelas ou indígenas, segundo

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 5